

São Paulo, domingo, 24 de julho de 2011

Concentração de áreas verdes cria 'apartheid vegetal'

Sete dos dez distritos com maior cobertura vegetal por habitante ficam no lado oeste da cidade de São Paulo

Centro e zona leste concentram 15 dos 20 distritos com menor cobertura vegetal da cidade de São Paulo

Gabo Morales/Folhapress



Árvores do Jardim São Bento (zona norte) contrastam com os prédios do centro, ao fundo

DE SÃO PAULO

Quando o critério é a cobertura verde dentro da malha urbana, a capital paulista poderia ser dividida em duas: a verde oeste e a cinza leste.

"É como se houvesse um 'apartheid vegetal'", sentencia o pesquisador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP Paulo Pellegrino. "As marginais formam um corredor verde do Morumbi até Pacaembu e Perdizes."

Dos 10 distritos com maior cobertura vegetal por habitante em que houve lançamentos imobiliários nos últimos quatro anos, 7 ficam do lado esquerdo da capital.

Do lado direito dessa linha imaginária que cortaria a cidade longitudinalmente a partir do centro, estão 15 dos 20 distritos com menor arborização da cidade.

Como área verde, estão computadas tanto reservas naturais e parques como árvores e gramados nos passeios públicos. Os dados são da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente cruzados com o censo demográfico de 2010.

Por trás de regiões com praças e árvores está o planejamento urbano. Áreas como Alto de Pinheiros e Pacaembu foram loteadas pela empresa Companhia City com o conceito de "bairros-jardins".

Já na zona leste, a ocupação desordenada é a maior responsável pela falta de verde, diz a pesquisadora Sandra Gomes, do Centro de Estudos da Metrópole.

AR FRESCO

Com árvores nas ruas, além de espaço de convivência, ganha-se também com temperaturas mais baixas.

"Se você pegar um mapa termal da cidade, vai ver que os pontos mais frescos coincidem com parques como o Ibirapuera", explica Neli Aparecida de Mello-Théry, pesquisadora de Gestão Ambiental da USP.

A vegetação também permite a infiltração da água no solo, reduzindo a chance de enchentes, pontua Juliana da Costa, pesquisadora da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo.

Onde não há praças ou canteiros, a desapropriação de terrenos para criar áreas verdes é cara e demorada, avalia Sandra Gomes.